

CIDADES DA FLORESTA

A Amazônia entre Ruínas e Resiliência

O século XX trouxe à Amazônia um modelo desenvolvimentista que implicou na importação de planos de crescimento econômico externos para a floresta. Nesse contexto, foram criadas na região dezenas de cidades inspiradas em conceitos diversos, desde núcleos planejados por empresas do Norte global como sede de projetos extrativistas, modelos experimentais com arquiteturas customizadas ao clima tropical, até agrovilas baseadas no ideal do urbanismo rural. Tais redes urbanas, associadas à expansão do mercado global de mercadorias, deixaram uma marca indelével na Amazônia moderna em termos geopolíticos, culturais e ecossistêmicos.

Tais utopias tecnocráticas vieram acompanhadas de conflitos agrários, desmatamento e violações de direitos humanos, resultantes da configuração da chamada tecnoesfera na floresta tropical, marginalizando formas indígenas de uso da terra e suas cosmologias. Algumas dessas cidades foram posteriormente abandonadas e transformadas em terras devastadas em meio a ruínas industriais, enquanto outras permaneceram como pólos de expansão do extrativismo contemporâneo.

Esta seleção de fotos reflete sobre as ruínas de cidades extrativistas na Amazônia, de uma perspectiva tanto humana quanto mais-que-humana. Concentramo-nos no caso de duas cidades que desempenharam um papel fundamental na fase final do *boom* da borracha: Velho Airão e Fordlândia. Velho Airão, uma cidade colonial fundada em 1694 que foi, no início do século XX, um centro de extração de látex, não sobreviveu ao fim da época da borracha e encontra-se hoje abandonada, observando-se um retomar das estruturas humanas pela flora amazônica. Já em Fordlândia, criada por pela companhia Ford em 1927 para extrair e processar borracha para os pneus da indústria automotiva, sobrevivem estruturas industriais reutilizadas pela população.

As ruínas do extrativismo de látex apontam para o destino de zonas urbanas criadas como meros veículos de exploração dos recursos naturais e se revelam como verdadeiros fantasmas do Antropoceno. Mostram-nos, também, o futuro de cada vez mais áreas da Amazônia e do mundo, se os seres humanos continuarem a privilegiar um extrativismo desenfreado que beneficia apenas uma elite, em detrimento das comunidades humanas e mais que humanas de um dado território. Por outro lado, inspiram-nos a refletir sobre contra-narrativas do abandono, o fortalecimento de estratégias de resiliência social e ambiental e possíveis caminhos para essas cidades-florestas.



Fotografias: Christian Braga

Texto: Danielle Heberle Viegas e Patrícia Vieira

Curadoria: Christian Braga, Danielle Heberle Viegas e Patrícia Vieira

GERDA HENKEL STIFTUNG



MAX PLANCK
GESELLSCHAFT

